



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CÂMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MATHEUS GONÇALVES GUIMARÃES DA SILVA

**“TUDO O QUE SINTO ESBARRA EM DEUS”: AS PERSPECTIVAS DO
SAGRADO NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

**CAMPINA GRANDE
2022**

**MATHEUS GONÇALVES GUIMARÃES DA
SILVA**

**“TUDO O QUE SINTO ESBARRA EM DEUS”: AS PERSPECTIVAS DO
SAGRADO NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

Artigo apresentado ao Departamento do
Curso de Letras e Artes da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Maria Soares de Queiroz

**CAMPINA GRANDE
2022**

Elaborada por Luciana D. de Medeiros - CRB - 15/508 BCIA2/UEPB

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Matheus Goncalves Guimaraes da.

"Tudo o que sinto esbarra em deus" [manuscrito] : as interfaces do sagrado na poética de Adélia Prado / Matheus Goncalves Guimaraes da Silva. - 2022.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Sagrado. 2. Literatura. 3. Poesia. 4. Religiosidade. 5. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

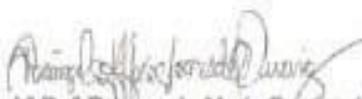
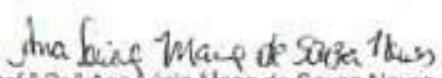
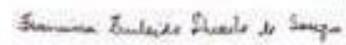
MATHEUS GONÇALVES GUIMARÃES DA SILVA

**"TUDO O QUE SINTO ESBARRA EM DEUS": AS PERSPECTIVAS DO
SAGRADO NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

Artigo apresentado ao Departamento
do Curso de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 31/03/2022

BANCA EXAMINADORA

	
Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota: 9,0
	
Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota: 9,0
	
Prof.ª Dr.ª Francisca Zuleide Duarte de Souza Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota: 9,0

*Para minha bisavó, Francisca,
com saudade infinita*

“Eu sou o que Deus pensa de mim.”
(Santa Teresinha do Menino Jesus)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	A SUBLIMIDADE DO DIVINO NO COTIDIANO	11
3	UM SÓ CORPO: A FIGURA FEMININA EM ADÉLIA	16
4	O SAGRADO E O PROFANO: RECORTES DO DIVINO NO ERÓTICO.....	19
5	A RELIGIOSIDADE EM ADÉLIA: BELEZA, MÍSTICA E LITURGIA.....	23
6	CONCLUSÃO... ..	30
	REFERÊNCIAS.....	31

**TUDO O QUE SINTO ESBARRA EM DEUS:
AS INTERFACES DO SAGRADO NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

**EVERYTHING I FEEL BRINGS TO GOD:
THE INTERFACES OF THE SACRED IN ADÉLIA PRADO'S POETICS**

Matheus Gonçalves Guimarães da Silva

RESUMO

O artigo tem por intuito apresentar um estudo bibliográfico da poética de Adélia Prado sob a ótica do Sagrado nas interfaces do cotidiano e da vida simbólica, da figura feminina e seus papéis sociais ao longo da história, bem como do paralelo traçado entre erotismo e corpo, permeados pela religiosidade em suas raízes litúrgicas, prosaicas e escatológicas. Para tanto, o objeto de estudo das análises que aqui serão apresentadas concentram-se no livro *Poesia reunida*, publicado em 2015 pela autora. A poesia de Adélia Prado é inundada por nuances que remetem ao sagrado em diversas ramificações. Sua escrita, portanto, transita entre as instâncias do *transcender* e do *imananar*, visando ao religamento do vínculo humano com a mística do sobrenatural. O presente trabalho torna-se relevante em razão do caráter dialógico e pluridiscursivo do texto literário, cuja linguagem é de natureza polifônica. O traço peculiar da autora nos leva a compreender as realidades humanas sob a ótica divina. A obra adeliana traz consigo também uma característica forte do Modernismo: a retomada do cotidiano, da linguagem oral, da cultura e da ascensão da linguagem poética com o fito de obter respostas para os entraves da existência. A experiência literária nas perspectivas religiosa e poética, em suas diversas interfaces, se reveste de finalidade própria: o retorno do vínculo de sentido à vida do homem, expressa, em suma, através desta linguagem poética e lírica. O embasamento teórico para contextualizar as discussões deste artigo é constituído a partir de Eliade (2008), Ferraz (2008), Magalhães (2000), Suttana (2002), Moreira (2000), Olivieri (1994), Paz (1982) e Cardeal (2015).

Palavras-chave: Sagrado. Literatura. Poesia. Religiosidade. Adélia Prado.

ABSTRACT

This article aims to present a bibliographic study of Adélia Prado's poetics from the perspective of the Sacred in the interfaces of everyday and symbolic life, of the female figure, and her social roles throughout history, as well as the parallel drawn between eroticism and the body, permeated by religiosity in its liturgical, prosaic, and eschatological roots. Therefore, the object of study of the analysis that will be presented here focuses on the book "Poesia reunida", published in 2015 by the author. Adélia Prado's poetry is flooded with nuances that refer to the sacred in its various ramifications. Her writing, therefore, transits between the instances of transcending and immanating, aiming at reconnecting the human bond with the mystique of the supernatural. The present work becomes relevant due to the dialogic and pluridiscursive character of the literary text, whose language is of a polyphonic nature. The author's peculiar trait leads us to understand human realities from a divine perspective. Adelia's work also brings with it a strong characteristic of Modernism: the resumption of everyday life, oral language, culture, and the rise of poetic language in

order to obtain answers to the obstacles of existence. The literary experience in the religious and poetic perspectives, in its various interfaces, has two purposes of its own: the return of the bond of meaning to human life, expressed, in short, through this poetic and lyrical language. The theoretical basis to contextualize the discussions of this article is constituted from Eliade (2008), Ferraz (2008), Magalhães (2000), Suttana (2002), Moreira (2000), Olivieri (1994), Paz (1982) and Cardinal (2015).

Keywords: Sacred. Literature. Poetry. Religiosity. Adélia Prado.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do Cristianismo, divindades se utilizaram da palavra para se comunicar com os homens. As provas de tal afirmação estão na Sagrada Escritura, que até hoje rege e orienta a progressão religiosa de matriz cristã no mundo. Até a atualidade, como tendência dominante, a Academia considera a Bíblia como obra literária. Tal afirmação é explicada por John Gabel;

Nessa concepção, a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a auto expressão, criando um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada. (GABEL, 1993. p.18)

Sob este campo de visão, Gabel explana a Bíblia como literatura, destinada a narrar os acontecimentos de determinada época, acessível a todos os públicos, independente de língua.

Por meio da atividade missionária das igrejas, os personagens e narrativas da Bíblia passaram a ser personagens e narrativas das culturas, influenciando estilos literários, contribuindo para a construção de novos personagens e de novas narrativas. [...] Com isso, o cristianismo só se tornou realmente literatura, e grande literatura, porque não ficou preso à interpretação do missionário, não ficou cativo do mundo e dos interesses das igrejas. MAGALHÃES, 2000. p.16).

No contexto em questão, os personagens de suas narrativas tornaram-se conhecidos por todos os leitores e estão abertos a interpretações diversas e distintas, de acordo com a cultura e a necessidade de cada ambiente ou pessoa. Vale ressaltar que essas possíveis interpretações podem imbuir-se de pontos positivos e/ou negativos, haja vista que por muito tempo e ainda hoje, o discurso religioso, na maioria das vezes, carrega uma intencionalidade segregada e excludente.

O contato com a divindade está, como já dito aqui, no fundamento da constituição humana, como algo inerente. O ser sempre carece de respostas para além da sua compreensão, ou, então, que estas favoreçam a sua percepção sobre as realidades da existência. Abordar a temática religiosa pode ser perigoso ou frustrante, tendo em vista os fatos historiográficos e culturais que a envolvem. Todavia, sua permanência ao longo do tempo gera-nos uma explicação inconclusiva. Torna-se, portanto, parte integrante do ser, algo peculiar relacionado à natureza humana:

O problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica pessoa como um todo. Pode caracterizar-se o religioso como zona de sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião

tem a ver com o sentido último da pessoa, da história e do mundo. (ZILLES, 2010, p.6)

Nesta perspectiva, enxergamos facilmente uma conexão entre sagrado e literatura, mediante a ideia de que ambas se complementam entre si.

Adélia Prado traça paralelos que se encontram com a cosmovisão bíblica, ao abordar a temática sacramental em sua obra sob perspectivas distintas e racionais, uma vez que, para falar do divino, usa a sua própria história de vida, suas convicções e experiências. A autora revela, na poesia, no texto literário, a via para se comunicar com o sagrado, para estabelecer vínculos concretos entre o sacro, a arte, a mística e a literatura:

A poesia é uma manifestação do espírito, é uma pura revelação do ser. A obra revela o ser das coisas e me remete ao Ser por excelência. Qualquer arte, desde que verdadeira, é, em sua natureza íntima, um fenômeno religioso, espiritual. Um quadro mexe comigo enquanto revela algo: natureza profunda daquilo que está expresso. E como nada tem existência em si mesmo, aquilo me leva necessariamente ao fundamento, a Deus. Portanto, a arte é irmã gêmea da mística, da experiência religiosa. Experiência poética e experiência religiosa são uma coisa só. Não consigo enxergar a diferença. (PRADO, In: CIDADE NOVA, 1997, p. 9)

Adélia Luzia Prado de Freitas, mais conhecida apenas como Adélia Prado, nasceu em Divinópolis (MG), a 13 de dezembro de 1935. Casada e mãe de cinco filhos, é professora, formada em Filosofia. Católica praticante, catequista e seguidora permanente da espiritualidade Franciscana, abordada com ênfase em alguns de seus poemas. Seus textos literários retratam o cotidiano e as miudezas da vida numa linguagem clara, simples e precisa, norteados pela fé Cristã e permeados pelo aspecto lúdico, o que faz de seu estilo único e original, além de ousar nas minúcias acerca do erotismo, da sexualidade e valorização das raízes culturais, elevando ainda, com extrema precisão a figura feminina, e enxergando dentro de todas estas esferas o aspecto divino, dito por si mesma em sua antologia poética *Tudo o que sinto esbarra em Deus*. (2010). Seu estilo de escrita próprio e ousado despertou o encanto de vários críticos e escritores, como bem nos enfatiza Drummond: “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: está à lei, não dos homens, mas de Deus. Adélia é fogo: fogo de Deus em Divinópolis” (ANDRADE, 2005, p. 71).

A obra de Adélia Prado é inundada por nuances que remetem ao sagrado em suas diversas ramificações: cotidiano, figura feminina, a sexualidade, a erotização do corpo, a morte e a vida futura. É uma escrita que transita entre as instâncias do transcender e imanar. Nela, o corpo se põe como meio fundamental para a manifestação divina, mesmo em suas limitações. Há uma completude entre corpo e espírito. Em suma, sagrado e profano se fundem numa coisa só:

Lendo a escrita adelinha, seja prosa ou poesia, pode-se então constatar algo fundamental. Em Adélia, mística e erótica se tocam e até mesmo se confundem. Adélia só faz mostrar, com isso, a configuração claramente cristã tanto de sua mística como de sua poesia. (BINGEMER, 2015, p. 53)

As discussões e análises tecidas neste artigo tornam-se relevantes em razão do caráter dialógico e pluridiscursivo do texto literário, cuja linguagem é de natureza polifônica. O traço peculiar da autora nos leva a compreender as realidades humanas sob a ótica divina, presente também em grandes nomes da literatura, como Jorge de Lima, Manoel Bandeira, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa.

A obra adeliana traz consigo também uma característica forte do Modernismo: a retomada do cotidiano, da linguagem oral, da cultura e da ascensão da linguagem poética com o fito de obter respostas para os entraves da existência. A experiência literária nas perspectivas religiosa e poética, em suas diversas interfaces, reveste-se de duas finalidades próprias: o retorno do vínculo de sentido à vida do homem expressa, portanto, através desta linguagem poética.

Como *corpus* deste artigo, foram analisados alguns poemas da autora selecionados da antologia *Poesia reunida*, publicada em 2015, que reúne num só volume toda a sua obra poética. O artigo é estruturado em quatro *nichos*, ou categorias de análise, representando divisões temáticas que favorecem uma espécie de dialogismo com o sagrado. São eles: o cotidiano; a representação da figura feminina; erotismo e sacralidade do corpo, e, por fim, a religiosidade, considerando o viés escatológico e litúrgico da sua poética. Os nichos, embora abordem visões do sagrado em âmbitos distintos, obedecem a uma rota de convergência entre uma discussão e outra, para favorecer a coesão e uma melhor compreensão dos assuntos tratados, uma vez que, em sentido amplo, todos os nichos tratam em suas linhas discursivas, de um mesmo ponto central: a revelação do sagrado na poética adeliana.

2 A SUBLIMIDADE DO DIVINO NO COTIDIANO

Marcada pelas singularidades corriqueiras do viver, destas Adélia extrai grande parte do cunho temático de seus textos literários, sobretudo no que concerne ao seu fazer poético: fala do cotidiano para também falar de si mesma, já que emerge da simplicidade de ser quem é. Em outros termos, a autora nos insere nas nuances da existência. Para Adélia, o cotidiano será o meio mais exato e mais curto para se chegar ao divino, ao transcendente, configurado como uma espécie de tesouro posto à disposição dos homens, revelador de uma beleza singular:

O cotidiano é o grande tesouro! Admirar-se daquilo que é natural é que é o bacana. A alma, criadora, criativa, sensível, um belo dia se admira de algum ser como a água. A vida é extraordinária. Admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. É outro olhar. O mundo é magnífico! Todos nós queremos no nosso “currículo da vida” um ato heroico, às vezes o ato mais heroico da nossa vida é o mais anônimo, é o mais silencioso, que só Deus sabe. Isso que é a maravilha! O cotidiano pra mim tem esse aspecto de maravilha, de tesouro. (COSTA JUNIOR; apud,2012, p.4)

Longe dos credos complexos, de preces formuladas, a autora enfatiza o próprio ato de existir, por mais simples que seja, como a mais perfeita prece, no mais singelo lugar, sem burocracias e imposições. Pela poesia, Adélia nos transporta ao sagrado através da sacralização dos fatos e temas abordados, repletos de numinosidade, ou seja, força própria, nascida do interior de cada indivíduo:

A obra de Adélia Prado articula a heterogeneidade do cotidiano com a busca de um sentido que restaure a sua totalidade, estabelecendo assim, uma ponte entre realidade objetiva e abstrata, imanência e transcendência. Poética do vivido, aberta às mais diversas experiências ao nível do cotidiano, do imaginário, do sonho, inclusive à da interrogação sobre o próprio sentido de existir. É a partir da experiência da concretude do mundo e da linguagem, que o sentido transcendente das coisas se revela. (OLIVIERI, 1994, p. 110-1).

A sublimidade do divino, nesse contexto, é exteriorizada nas particularidades próprias da vida simplificada e feliz, verbalizadas através da palavra, do texto literário. E é por meio da palavra que o divino se manifesta, como já fora mencionado anteriormente, e aqui reitera-se com a citação do evangelista João: “No princípio era

a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ela estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por ela; e nada do que tem sido feito, foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (João 1:1-4). Sobre isso, em um de seus poemas, Adélia destaca que o entendimento humano acerca do divino se dá também por meio da palavra: “Quem entender a linguagem entende Deus cujo Filho é Verbo”. (PRADO, 2007, p. 20).

O cotidiano revela, através dos discursos interiores externados na textualidade poética, as necessidades mais ocultas da existência: quem somos, para onde vamos e o que queremos. É natural a necessidade de significar o rotineiro para torna-lo mais suave. A vivência da vida simbólica nos despe das certezas e convicções para que a verdade da vida se manifeste. Transformar esta rotina num fazer poético é, portanto, uma forma de engrandecer o “pequeno”, o imperceptível. Vejamos:

Dela [da vida cotidiana] a poeta extrai os elementos básicos com que vai tecendo a teia de seus textos e construindo um mundo que, partindo da experiência singular, eleva-se à dimensão da experiência coletiva, universal. Pois, afinal, o cotidiano é o fato por excelência que todo ser humano tem em comum com todos os outros, e é no interior da realidade do dia-a-dia que a vida de todos transcorre, de tal modo que a consciência do estar-no-mundo se identifica, em grande parte, com as próprias fronteiras da cotidianidade” (MOREIRA, 2000, p. 82).

Sobre isso, Adélia destaca:

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem a ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário). E eu tenho absoluta convicção de que é através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na criação, na nossa vida. (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 23).

Levando em consideração o ponto de vista da autora, destaca-se que o belo tem por finalidade colocar em ordem as nossas emoções através da arte, da dança, da música, dos afazeres diários, das ramificações cotidianas próprias do ordinário da vida. Todos esses fatores aparecem imbuídos de uma transcendência que possibilita, pela via do texto, o acesso ao inacessível, através das inúmeras faces do habitual/real. Em outros termos:

A transcendência operada pela poesia de Adélia não pode ser considerada “vazia”, pois através da matéria se tem acesso ao desconhecido e ao misterioso, assim, a conexão divina se realiza por meio do real. A ascensão transcendente é proporcionada pela descida ao chão, na qual a única maneira de elevar-se espiritualmente é o contato com a substância sólida davida, a precariedade humana (CARDEAL, 2015, p. 381).

Na escrita adeliana há sempre uma associação/menção contínua do laço familiar no interior estético e semântico de seus poemas, sobretudo no que se refere ao livro *Bagagem*, escrito em 1976, do qual foram extraídos os poemas-base para enriquecer a análise deste nicho temático. As menções contínuas sobre os detalhes do ordinário doméstico, das atividades relacionadas ao cultivo, ao zelo por talheres, panelas no fogão, pela organização da casa, pelos afetos oriundos das relações de parentesco nos revelam um viés memorialístico permeado pelas recordações da infância, evidenciando os pais como personagens da sua trama poética. Para exemplificar, tomemos, pois, os poemas “Impressionista”, “Ensino” e “Para comer depois”:

IMPRESSIONISTA

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.
(PRADO, 2015, p. 34)

O poema porta traços singulares que merecem nossa atenção. O elemento central da fruição poética se concentra em torno da memória afetiva da autora, capaz de captar em seu íntimo as minúcias de um ambiente familiar que, para ela, estava imbuído de enorme sentido existencial: sua casa. Nele, o alaranjado brilhante, o amanhecer constantemente revela a presença do sobrenatural, da luz que irradia a autora no seu interior. Casa, além da erguida com cimento e pedras, é também seu coração, onde o divino habita numa claridade inenarrável.

Ao associar o conglomerado composicional de informações contidas no texto com o título, percebe-se que Adélia aborda aspectos relacionados ao Impressionismo – estilo de pintura artística destinada a captar a luminosidade, cor e sombra com base nas horas do dia. Somado a isto, cabe destacar também que o impressionismo na Literatura tem como algumas de suas características a busca enfática das emoções e sensações dos personagens, da valorização dos elementos naturais e do resgate da memória afetiva através da rememoração dos fatos já ocorridos.

Além de Adélia, o mesmo acontece com outros escritores adeptos das técnicas representativas impressionistas como por exemplo, Virginia Woolf e Joseph Conrad. Ambos trazem para suas obras aspectos descritivos de suas próprias memórias, sentimentos e emoções. Destacam-se também semelhantes características na literatura de Clarice Lispector e Cecília Meireles, escritoras renomadas da Literatura Brasileira. Todos estes fazem do ato de existir – entre tristezas e alegrias – temáticas pertinentes do impressionismo literário em suas obras.

Adélia atribui o título do poema ao seu pai que, através do próprio texto, revela-se cheio de otimismo e esperança para os tempos vindouros. Cabe destacar que a autora teve maior convivência com o pai, visto que sua mãe faleceu ainda durante a infância da poeta. Por conseguinte, o ato de pintar a casa na cor “alaranjado brilhante” (v. 3) revela o desejo de permanecer constantemente na ‘claridade’ existencial, que, tão certo como o ritmo diário do amanhecer, rompe inapelavelmente a noite escura dos tempos difíceis. O amarelo remete ao nascer do sol, a uma nova oportunidade de recomeço, de renascimento e de confiança plena nas ressurreições cotidianas.

Do ponto de vista gramatical, o uso do artigo indefinido **uma** no início do poema (v.1) nos possibilita uma perfeita adequação do tempo presente ou qualquer outro no qual o leitor queira se inserir, já que não há ideia cronológica definida no texto: qualquer ocasião pode ser “A” ocasião necessária. A autora utiliza todos os recursos cabíveis dentro do aspecto linguístico e literário com o fito de atribuir sentido real e palpável em sua obra, como forma coerente para embasar o que se diz, como se diz e revelando nas entrelinhas o motivo pelo qual foi dito.

Adélia destaca, a partir disso, a imanência do Divino no ato de existir. A casa em constante amanhecer também revela aspectos incutidos no seu interior: também há em si um desejo de amanhecer, de ressurgir. Para a autora, Deus se revela como

o sol que não conhece ocaso, como luz que brilha nas trevas. Ainda que indiretamente, há no texto uma forte conexão com as escrituras sagradas. Para a religião, o sol é a imagem de Deus, como bem nos diz Zacarias, no “Benedictus” do Evangelho de Lucas: “Pelo amor e compaixão de nosso Deus, sol nascente que nos veio visitar para iluminar os que jazem entre as trevas e na sombra da morte estão sentados, para iluminar os nossos passos, guiando-nos no caminho da paz” (Lucas 1:79).

Deus nos permite constantemente infinitas possibilidades de amanhecer. A bênção do recomeço nos é revelada nas entrelinhas do cotidiano que, aos olhos carnis parecem se revestir de simplicidade rotineira, mas que através desta mesma simplicidade se traveste de uma aura sobrenatural, rompendo os limites compreensíveis da razão, limitadores da intervenção do etéreo na natureza humana.

Por conseguinte, nesta mesma temática que até aqui estamos a discutir, tomamos o poema “Ensinar”, também selecionado do livro *Bagagem*. Neste livro, inclusive, percebe-se claramente que a maioria dos poemas que o integram são voltados ao cotidiano, ao simples, ao prosaico. No poema mencionado, portanto, mergulhamos novamente na mística das relações familiares e afetuosas, guardadas em seu registro memorialístico:

ENSINAMENTO

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo. Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água
quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.
(PRADO, 1976, p. 84).

A autora verbaliza poeticamente uma lembrança da infância como fonte de “ensinar”, extraída, como fora dito anteriormente, do seu acervo memorialístico e afetivo. Esse ensinar poderia ser traduzido numa frase simples, quase um lugar-comum: o amor verdadeiro se revela muito mais em atos do que em palavras. O poema porta um tom de conversação, no qual a poeta, em sua maturidade, repleta das experiências que a vida lhe propiciou, traça o paralelo dicotômico entre verdade e ilusão. Através do diálogo atemporal instaurado com sua mãe, aponta como ilusória a primazia que aquela conferia ao estudo. Afinal, a instrução pode colocar belas palavras de amor na boca de uma pessoa, mas não pode materializar atos concretos de amor, estes, na maioria das vezes, silenciosos.

O texto literário está repleto de estruturas que nos levam a despertar capacidades sensoriais: a noite, a labuta do dia, o pão, o aroma do café. Todos estes elementos compõem de forma singela o cotidiano, revestindo-o de significações. Em outros termos, a autora destaca, por meio desses recursos, que o cotidiano transcende o amor em atos de cuidado, de abnegação e ternura, não necessariamente ou quase nunca verbalizados. Diante das minúcias prosaicas do dia-a-dia, não importa a palavra. O ser, o estar, o fazer, dizem muito mais que um mero substantivo. Simplicidade, manifestação do amor puro sem subterfúgios.

A experiência, na poética adeliana, se alimenta das coisas imediatas de nossas necessidades humanas: a casa, os afazeres, as perguntas fundamentais da existência que são respondidas no próprio ordinário da vida. As emoções, as sensações, estão intimamente ligadas ao transcendente, ao revelar de Deus aos homens. Em outros termos, por detrás do trivial se escondem as profundas epifanias que só o passar do tempo e uma compreensão amplificada da sublimidade do divino nos proporciona. Duas destas epifanias, relatadas em “Impressionismo” e “Ensinamento”, só foram atingidas pela poeta na maturidade. O conglomerado de lembranças e imagens guardadas na memória da autora nos indicam, em linhas simples, a passagem breve da vida, as pequenas e grandes nostalgias às quais estamos sujeitos. O cotidiano torna-se a ponte entre presente e lembrança. Sobre isto, cabe destacar:

A singularidade da arte de Adélia provém sem dúvida da fonte inspiradora: o poeta diante de si mesmo e da poesia, adotando uma postura transcendental e subjetiva através da espiritualidade ao observar o meio que o rodeia. (DOURADO, 2004, p. 48).

Além dos poemas abordados neste nicho acerca do cotidiano, muitos outros são preenchidos pela ótica do cotidiano em suas mais variadas minúcias, como comer laranjas e sentar à calçada no domingo, por exemplo. Destaca-se também a forte menção aos detalhes ‘mineiros’, que são parte integrante da personalidade da autora. Adélia, portanto, destaca o cotidiano como o lugar primário para todas as outras revelações transcendentais. O olhar voltado aos acontecimentos do mundo nos possibilita o acesso ao que chamamos, desde o início, de sublimidade do divino. É o que podemos observar no poema abaixo:

PARA COMER DEPOIS

Na minha cidade, nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.
Tomam a fresca e riem do rapaz da bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:
'Eh bobagem!'
Daqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos:
é domingo, é domingo, é domingo.

O poema mantém a linha de resgate da vida simbólica interior da poeta, em paralelo com a descrição de um aspecto prosaico da vida do interior mineiro – sentar na sombra na calçada aos domingos, comendo laranjas –, guardado em seu painel memorialístico (“em meu país de memória e sentimento,” v. 9) como forma de resistir aos avanços do tempo (“Daqui a muito progresso tecno-ilógico,” v. 6). No mesmo verso, a autora tece uma espécie de ironia ao progresso que poderá ocorrer “daqui a muito”, atribuindo-o o adjetivo de ilógico. Para ela, a vida simples sempre será a mais original e a mais suficiente para a realização do ser. Nos versos 9 e 10, a poeta refugia-se em seu mundo interior, plasmando ao seu redor, através da memória afetiva, a sensação, perdida no tempo, de uma realidade leve, despreocupada, e, sobretudo, imensa de significado existencial para os desafios da vida na maturidade e na velhice (“é domingo, é domingo, é domingo”, v. 11). Mais uma grande epifania trazida pela

experiência? Seja como for, a poeta molda o poema como um relicário para guardar aquilo que lhe é caro, afim de não ser atingida pela ilusão e aridez do tempo presente e das grandezas “tecno-ilógicas”, cheias de vazios.

3 UM SÓ CORPO: A FIGURA FEMININA EM ADÉLIA

A poesia de Adélia Prado, além de nos direcionar aos aspectos prosaicos do cotidiano, nos apresenta a figura da mulher de maneira peculiar, imersa também num confronto de forças entre o sagrado e o profano. O jogo literário que a autora faz em inserir o cotidiano nestas outras temáticas torna-se relevante à medida que, a partir disso, leva o leitor a perceber, dentro das tramas do texto, questionamentos direcionados ao papel social, cultural e histórico da mulher, bem como os anseios do seu interior e a valorização do seu corpo. Destaca-se, sobretudo, o confronto das forças entre o sagrado e o profano, que na verdade se fundem numa coisa só. Levando em consideração as características do sujeito poético da autora, percebemos que estas forças também se constituem como parte integrante do ser, sobretudo no que se aplica à questão feminina, uma vez que, na poética adeliada, a mulher celebra o corpo como sendo algo sagrado e ao mesmo tempo, independente de padrões predeterminados. Vejamos:

A voz avassaladora da mulher indica, como é óbvio, a presença de uma nova subjetividade social, e se traduz de maneira mais imediata na expressão erótica. A poeta mulher celebra seu próprio corpo como algo de diferença na arena pública. (MORICONI, 1998, p.16)

É importante ressaltar que Adélia surgiu na literatura brasileira num contexto muito peculiar, visto que seu primeiro livro, intitulado *Bagagem* foi publicado em 1976, dentro de um cenário político ditatorial, atingindo de forma direta a liberdade de expressão no meio artístico, cultural e literário através de censura e silenciamento. A voz adeliada nos oferece uma espécie de segunda via que caminha entre o sagrado, o profano, as nuances do cotidiano e sobretudo das singularidades próprias da natureza feminina.

O caráter de escrita feminina na literatura de Adélia se traveste da mulher que fala de si mesma, rompendo uma cultura machista que a menospreza dentro dos papéis sociais, resultantes de um contexto sócio-histórico errôneo, oriundo de uma cultura patriarcal, com natureza ideológica que mantém a mulher subordinada a imposições de natureza sexista nas mais diversas esferas, levando-a a abrir mão de sua própria identidade.

O pontapé inicial da autora dentro da poesia se deu através de uma interlocução com um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “Poema de sete faces”. No mesmo volume, surge, então, “Com licença poética”, enaltecendo a figura feminina e sua particularidade em ser:

COM LICENÇA POÉTICA

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,

acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 — dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.
 (PRADO, 1976, p. 17)

Como dito acima, o texto caracteriza-se como uma interlocução do “Poema de sete faces”, de Drummond. Curiosamente, o poema drummondiano inicia o primeiro livro do autor, intitulado *Alguma poesia*, lançado em 1930, relacionando-se diretamente com o primeiro poema do primeiro livro de Adélia, como fora explicado em linhas anteriores.

O poema de Adélia vai se constituindo dentro deste universo dialético, num contraponto próprio da natureza feminina. A ideia da força, delicadeza e espírito de luta femininos estão incrustados nos seus versos que, do ponto de vista estrutural, não possuem cadência métrica. Os versos livres enaltecem, de certa forma, a liberdade almejada pela autora.

O poema inaugural do livro *Bagagem* é rico em aspectos de natureza lírica acerca da figura feminina e do seu papel no mundo. Ao mencionar “anjo esbelto” no primeiro verso, Adélia remete-se ao conceito de belo, mas também ao sentido bíblico, utilizando-se de símbolos divinos para referir-se ao sentido transcendente do corpo.

Ou seja, “Adélia Prado é a autora que expõe com mais contundência a condição feminina numa intensa mescla de erotismo e religiosidade” (SECCHIN, 1996, p. 110)

Adélia aborda questões direcionadas aos padrões impostos pela tradição social e religiosa no que se refere às mulheres, elevando um grito de independência feminina, numa época de apagamento e exclusão, revelando que os direitos devem ser acessíveis ou iguais a todos. Sua ousadia literária configurou-se de extrema importância para que para que a mulher ocupasse lugares outrora não permitidos, tomando como referência, por exemplo, Clarice Lispector. Adélia se punha, assim, bem à frente de seu tempo, e sua ousadia desempenha papel fundamental para que sua obra se revista de originalidade, uma vez que fala de si mesma e daquilo que vive, sobrevivendo ao tempo.

Adélia Prado revela em sua poesia uma dupla confluência de forças: a do novo épico (valorização do poeta, ser humano e efêmero, de cuja presença a vida e o mundo dependem para se eternizarem no tempo) e a da liberação feminina, pós-moderna, da década de 1970 (a mulher que se afirma para além e acima da imagem na qual a tradição a aprisionara). (COELHO, 2002, p. 25)

Nesse contexto, cabe mencionar o conflito estabelecido entre o peso da tradição formadora da autora e a sutileza de sua interioridade, frequentemente rebelada contra as limitações e padrões impostos, próprias do absurdo da existência humana. A confluência de forças se dá, portanto, por meio do “escandalizar-se” com sua própria rebeldia, reconhecendo a influência da educação recebida. Inaugurar linhagens para caber em si mesma, uma vez que a poesia é maior que o poeta.

Adélia não hesita em sempre externar em palavras a condição da mulher. Entretanto, ao que parece soar como negativo dentro do âmbito feminino - como por

exemplo, os afazeres domésticos, o cuidado com o lar, a espera pelo amado -, a autora injeta nestes, nova significação, repletas de lirismo e sentido do fazer poético, concentrando nisto a “aceitação dos subterfúgios que lhe cabem” ou o ato de “desdobrar-se”. Em outros termos, a autora reporta-se a estas nuances não para denunciar possíveis opressões masculinas, mas usa disto para construir novos discursos e padrões que estão para além dos discursos feministas e revolucionários. Estabelece, portanto, uma herança modernista não de ruptura, mas de resgate do coloquial e prosaico na literatura.

Outro aspecto notório na poética adeliana dentro do viés feminino é a junção entre a figura da mulher dependente do toque masculino em seu corpo, quase como necessidade vital. Essa temática oscila entre a necessidade corpórea e o pudor religioso. Adélia usa um misto de cotidiano, aspectos da natureza, termos sacros e linguagem erótica para revelar uma potencialidade feminina que transita em todos os espaços e permanece inalterável em seu modo de ser. Para elucidar esta abordagem, tomemos o poema “Serenata”, também extraído do livro *Bagagem*:

SERENATA

Uma noite de lua pálida e gerânios,
 Ele viria com boca e mão incríveis
 Tocar flauta no jardim.
 Estou no começo do meu desespero
 e só vejo dois caminhos: ou viro doida ou santa.
 Eu, que rejeito e exprobro
 o que não for natural como sangue e veias.
 Descubro que estou chorando todo dia,
 Os cabelos entristecidos,
 A pele assaltada de indecisão.
 Quando ele vier, e é certo que vem,
 de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
 A lua, os gerânios e ele serão os mesmos.
 Só a mulher, entre as coisas, envelhece.
 De que modo vou abrir a janela,
 se não for doida?
 E como a fecharei, se não for santa (PRADO, 1995, p. 82)

Adélia põe um tom enamorado no texto poético, numa mescla de religiosidade, romantismo e erotismo, deixando em evidência ao mesmo tempo, aspectos corporais que remetem a anseios sexuais. Nos primeiros versos, se reporta a um sujeito masculino, que vem como um príncipe, mas um príncipe que também traz consigo, através de sua flauta, o signo do encantamento. Por ele, que evoca o amor romântico, mesclado ao desejo de ser conduzida a um lugar mágico, de felicidade e prazer indizíveis, à noite o seu corpo pulsa. A autora revela uma certa dependência da figura masculina para a satisfação corpórea, ao mesmo tempo em que demonstra estar inserida num conflito interior entre carne e espírito, mais precisamente sob o viés religioso (v. 2-5). O jogo de palavras, que opõe menina bem-comportada e mulher desejante, ao mesmo tempo em que revela moldes sentimentais, também sinaliza para o erótico, ao relacionar o flautista ao namorado/amante de mãos e boca incríveis, cuja visita noturna, por ela desejada, fantasiada, sonhada, teria como objetivo ‘tocar a flauta’, isto é, o seu corpo. Sobre esses efeitos semânticos empregados no texto, cabe destacar:

O que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa e injeta mistério em cada uma delas, de

tal modo que cada imagem passa a encerrar a solução de uma enigma (HUIZINGA, 1996, p. 148-9)

Entre os versos 8 e 10 do poema acima, revela-se a imagem feminina assaltada pelo peso da idade que avança, seja pelo registro de uma vulnerabilidade/instabilidade psicológica (“Descubro que estou chorando todo dia”, v.8), seja pelos aspectos exteriores da mudança dos traços fisionômicos do autorretrato sugerido (“cabelos entristecidos”; pele assaltada de indecisão”, v. 9-10). Metonimicamente, nos versos 9 e 10, a poeta ressalta o caráter inescapável e, por isso mesmo, apavorante, da efemeridade e finitude próprias da existência humana. A “pele assaltada de indecisão”, para além do registro do surgimento de rugas aqui e ali, configura-se como a luta travada entre carne e espírito, perpassada por desejos de santidade e extremos de ousadia, naquilo que veladamente o texto sugere.

Os poemas analisados neste nicho temático cumprem o papel necessário na tessitura da figura feminina dentro da poética adeliã. A autora aborda nuances que rompem com a tradição patriarcal, a qual menospreza as faculdades da mulher. Dissolve, portanto, com coragem e ousadia, mas também com a singeleza própria de seu estilo literário, o domínio machista imposto por uma condição sócio-histórica e cultural.

A tônica corporal acentuada pelo erotismo e beleza aparecem nítidos no poema, observando o efeito semântico que a poeta quis provocar no emprego de figuras/fissuras de linguagem (por exemplo, o paralelo entre a figura da flauta e o corpo feminino), bem como o paradoxo entre o sagrado e o profano, posto em questão através da “doidice” de poder escolher viver livremente suas paixões.

Portanto, estabelecendo uma relação dialógica com o tema do nicho anterior – o cotidiano –, reforça-se a inalienável percepção do ambiente corriqueiro, dos elementos da natureza ou dos aspectos oriundos da vida simbólica, além de expor com mais contundência o lugar singular da corporatura e âmage feminino.

As temáticas interpeladas até o momento são partes indispensáveis para a construção dos nichos que serão analisados posteriormente.

4 O SAGRADO E O PROFANO: RECORTES DO DIVINO NO ERÓTICO

Adélia não esconde sua dependência do divino no seu estilo literário, ao ponto em que não faz distinção entre carne e espírito, sagrado e profano. Antes, considera estes como duas faces de uma mesma moeda, fragmentos indissolúveis da natureza humana. Estas duas faces, inclusive, se tornaram parte integrante de sua obra poética desde o seu primeiro livro, *Bagagem*, visando a estabelecer uma espécie de elo entre a condição do próprio homem e o mistério de Deus.

O sentido erótico e sexual na literatura adeliã estão para além do sexo. Prioriza, portanto, as sensações, o conhecimento do próprio corpo e suas capacidades. Em outros termos, o sexo é compreendido como algo maior que o ato de reproduzir. É uma necessidade vital do ser humano, que sempre busca algo maior e capaz de satisfazer infinitas ausências, caracterizando a sexualidade e o erotismo como uma experiência puramente interior que é materializada através do corpo:

O sentimento religioso e o sentimento erótico são frutos do desejo de união, de completude o que, de certa forma, tem relação direta com a busca pelo transbordamento, pelo arrebatamento, pela sensação indizível de intenso prazer e gozo: o êxtase, muitas vezes identificado com a morte. Sendo assim, erotismo e religião estão intimamente ligados à criação poética, já que são experiências ontológicas que se fazem presentes através do poema

(transcendência) e pelo poema (imanência), inscrevendo-se na própria estrutura, apreendida logicamente no corpo poético. (ZELNYS, 2008. p.128)

Tomemos para análise os poemas “Entrevista”, “A necessidade do corpo” e “Festa do corpo de Deus”, extraídos da *Antologia Poética*:

ENTREVISTA

Um homem do mundo me perguntou:
o que você pensa do sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
e esperava que eu dissesse maldição,
só porque antes lhe confiara:
o destino do homem é a santidade.
A mulher que me perguntou cheia de ódio:
você raspa lá? Perguntou sorrindo,
achando que assim melhor me assassinava.
Magníficos são o cálice e a vara que ele contém,
peludo ou não.
Santo, santo, santo é o amor que vem de Deus,
não porque uso luva ou navalha.
Que pode contra ele o excremento?
Mesmo a rosa, que pode a seu favor?
Se "cobre a multidão dos pecados e é benigno,
como a morte duro, como o inferno tenaz,
descansa em teu amor, que bem estás".
(PRADO, 1978. p.159)

O tom de conversação proposto pelo título do poema nos sugere a naturalização do tema sexual. A poeta, ao configurar o sexo como maravilha de Deus, causa espanto ao seu interlocutor, uma vez que, partindo do contexto educacional e religioso em que a poeta se insere pela própria vivência, sobretudo no que se refere a regras fixadas pelo catolicismo e pela vida social, esperava-se uma resposta totalmente distinta da que fora proferida. Adélia quebra um tabu instaurado pela oposição entre o carnal e o espiritual, externada nos versos 4 a 7. Prosseguindo com a tentativa de intimidá-la, outra voz interlocutiva tece mais um questionamento íntimo (“você raspa lá?”, v.9). Ela, mais uma vez, revela não estar abalada, naturalizando a indagação, demonstrando que o erotismo se constitui como parte integrante da vida humana. Do ponto de vista estrutural, os versos livres revelam a naturalidade mencionada anteriormente no que se aplica à temática abordada no texto literário. A simplicidade morfológica e lexical dos termos utilizados servem de contraste com a complexidade da temática, incutidas na dualidade entre corpo e espírito.

Por outro lado, a convergência dos dois âmbitos que primordialmente se contestariam provoca um certo impacto, uma vez que Adélia evidencia a forte conexão entre a arguição erótica e a imersão na vivência religiosa. A ousadia do seu estilo literário se revela, portanto, no diálogo sadio construído entre o sagrado e o profano. Essa dualidade/ambiguidade é explicada por OLIVIERI, 1994:

A experiência erótica reflete a ambiguidade existencial do homem, dividido entre o mundo das sensações do corpo e o mundo simbólico interior. Através de toda sua existência, o homem tem convivido com a dualidade corpo/espírito. A representação literária do erotismo traz as marcas deste paradoxo, oscilando entre os polos da materialidade e da espiritualidade, assentada em formas diferentes da linguagem que, por sua vez, oscilam entre o discurso de sugestão, evidenciado na expressão metafórica do erótico, e o

discurso de infração através da nomeação direta ou indireta do ato e dos órgãos sexuais. (OLIVIERI, 1994, p. 17-8)

A menção dos órgãos sexuais masculino e feminino verbalizada metaforicamente nos versos 11 e 12 (“cálice”, “vara”) nos reportam também ao aspecto sacramental e bíblico, uma vez que, liturgicamente, o cálice é um objeto designado para o culto ou ação litúrgica, e a vara tradicionalmente representa o poder masculino, patriarcal. A vara aparece, ainda, em diversas passagens da Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, como instrumento de poder sobrenatural, seja para jorrar água de pedras, para abrir o mar Vermelho, para conjurar o fogo e a ira dos céus sobre os homens... e, prosaicamente, para conduzir ovelhas, na forma de cajado. Em qualquer destes casos, evidencia-se uma diferenciação de papéis entre o homem e a mulher, naturalizados na fala da poeta e chancelados pelo texto sagrado. Confirma-se aqui o emprego dos adjetivos atribuídos por Drummond à autora: lírica, bíblica e existencial.

Adélia evidencia, desse modo, o corpo como templo de Deus, morada do sagrado, e espaço destinado ao culto cotidiano da oferta de si mesmo ao outro, transitando entre as adjacências do carnal e do espiritual, acentuado pela beleza da sacralidade. Ela mesma reforça:

Eu descobri que o erótico é sagrado [...]. Toda poesia mística é sensual, não precisa dividir. O corpo é algo preciosíssimo, não é? Então, só é erótico por isso, para animar a divindade. [...] Veja a liturgia, é um procedimento carnal, puramente erótico: “Esse é o meu corpo, esse é o meu sangue, tomai e comei”. O reino dos céus é um banquete (PRADO, 2000, p. 29).

Ao estabelecer tal compreensão, Adélia faz uma ponte não só com a liturgia, mas também com textos da sagrada escritura que também “abordam” numa mistura de mística e erotismo, aspectos sensuais do corpo. Cabe destacar por exemplo, o livro “Cântico dos Cânticos”, que porta uma linguagem voltada ao amor esponsal. Além disso, alguns livros do Antigo Testamento, como Rute e Isaías, além de algumas passagens do Êxodo, evidenciam os aspectos eróticos e sensuais do corpo e a influência que estes exercem na vida do homem.

Essas analogias e intertextualidades rompem com visões conservadoras que limitam as faculdades corporais e as tratam como algo separado do divino, sobretudo no que concerne a regras estabelecidas pela moral religiosa. O Papa Francisco, no entanto, disse recentemente, em uma de suas entrevistas que “O prazer vem diretamente de Deus, não é católico, nem cristão, nem nada parecido, é simplesmente divino” (FRANCISCO, 2020). Tais pontos de vista casam perfeitamente com uma espécie de “credo visceral” no qual Adélia se insere, ou seja, na religião do corpo, já que o corpo é “o templo onde Deus habita”, portanto, “glorificai a Deus com vosso corpo”, segundo nos indicam as Escrituras Sagradas.

O poema segue abordando também o contexto do amor como fruto divino, no verso 13, numa perspectiva que dialoga novamente com a liturgia católica, ao citar “Santo, Santo, Santo”. Tal fragmento faz referência a uma parte fixa da liturgia eucarística, ou seja, liturgia do corpo de Cristo. O texto segue estabelecendo vínculos intertextuais, como se pode observar no verso 17, onde a autora se reporta à citação da Carta de São Pedro, contida nas Sagradas Escrituras: “Porquanto, o amor cobre uma multidão de pecados”. (IPd 4, 8b). O amor, pela ótica cristã, é tido como elemento primordial para se chegar ao divino. Na poética adeliana, a junção do amor carnal com o erotismo leva o leitor a este caminho em busca do sobrenatural e transcendente,

pois, segundo OLIVIERI (1994, p. 70): “O amor é o núcleo da poética de Adélia que apresenta uma visão integradora de amor divino”.

Adélia repete inúmeras vezes que seu corpo é o meio pelo qual Deus se manifesta, como se pode observar nos versos abaixo:

A NECESSIDADE DO CORPO

[...]
 Este é o meu corpo,
 corpo que me foi dado
 para Deus saciar sua natureza onívora.
 Tomai e comei sem medo
 na fímbria do amor mais tosco
 meu pobre corpo
 é feito corpo de Deus.
 (PRADO, 2010, p. 393)

O poema estabelece novamente um vínculo intertextual com a celebração litúrgica, uma vez que referencia as palavras ditas por Cristo na última ceia, de acordo com os evangelhos da Sagrada Escritura e estas mesmas palavras são proferidas na liturgia eucarística pelo sacerdote. A autora destaca que seu corpo é onde o divino tem espaço para saciar sua fome carnal, num misto de religiosidade, erotismo, amor e sedução.

Adélia aborda nuances completamente religiosas em alguns de seus poemas, como parte integrante, inclusive, do seu estilo literário – aspectos estes que serão detalhados mais adiante em outro nicho – para fomentar que tudo faz parte de uma totalidade disposta a comunicar da forma mais prosaica, significativa e real, o sobrenatural e transcendente.

Em “Festa do Corpo de Deus”, Adélia aborda a Paixão e nudez de Cristo como reveladoras da inocência carnal, como podemos observar nos versos que se seguem:

[...]
 E teu corpo na cruz, suspenso.
 E teu corpo na cruz, sem panos:
 olha para mim.
 Eu te adoro, ó salvador meu
 que apaixonadamente me revelas
 a inocência da carne.
 Expondo-te como um fruto
 nesta árvore de execração
 o que dizes é amor,
 amor do corpo, amor.
 (PRADO, In: Poesia Reunida, p. 281)

A autora traveste o mistério incruento da Paixão de uma naturalidade corpórea, reveladora do erótico para comunicar o amor, e ao mesmo tempo, assume sua fé no Deus-homem que por meio de si mesmo lhe revela o candor da carne. A poética adeliã, nesse sentido, assemelha-se aos escritos de Teresa de Ávila, São João da Cruz e Agostinho, num tom oracional e ao mesmo tempo, ambíguo. No entanto, Adélia naturaliza a carnalidade e o erotismo com mais aclimação. O que foi dito até aqui sobre a junção entre erotismo e gênero poético reforça-se através de Octavio Paz:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição que denota ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. (PAZ, 2001, p.12)

Por fim, as discussões tecidas neste nicho temático, estabelecendo vínculo com os anteriores, levam o leitor a perceber que os poemas aqui detalhados buscam romper com visões absolutas e inalteráveis, uma vez que sua temática central inaugura um roteiro capaz de auxiliar o percorrer de um caminho que religa o humano a um ser superior, restaurando a relação entre corpo e espírito, através das esferas do sagrado e profano, transitando entre os espaços de relações esponsais e ritos litúrgicos, reveladores do belo no cotidiano, por meio da vida simbólica. Em palavras diretas, Deus torna-se encarnado através da poesia, trazendo a ruptura daquilo que era julgado como vulgar e impossível de ser fundido numa coisa só. Sobreisso, Suttana destaca:

Se a poesia se permite superpor o sagrado ao profano ou fazer com que o próprio sagrado se manifeste como profano poderemos entrever, que a poesia de Adélia Prado se desenvolve, desde seu início, não tanto como manifestação de uma coisa ou de outra – seja do sagra- do ou do trivial –, mas do superior mistério que as enlaça e justapõe. Isto é, ela “traz à luz” o mistério em si, em sua forma mais pura, que o poeta experimenta a cada passo com inquietude e espanto (SUTTANA, 2015, s/p)

As perspectivas de inquietude e espanto podem estar enraizadas na questão dogmática própria da religião e, ao mesmo tempo, no desejo de completude e totalidade que o ser almeja. A seguir, essas questões serão afuniladas a partir dos ritos, da tradição piedosa e do viés escatológico contidos em alguns poemas da autora, que denotam o ato de esbarrar-se em Deus.

5 A RELIGIOSIDADE EM ADÉLIA: BELEZA, MÍSTICA E LITURGIA

Na divisão dos poemas em “O coração disparado”, encontra-se o fragmento que norteia o título central deste artigo: “Tudo o que sinto esbarra em Deus”. Isto nos indica nitidamente que a voz poética de Adélia Prado está completamente imersa na sua relação com o sobrenatural e religioso. Isto se dá, em primeiro lugar, pela sua personalidade em si, constituída dentro da doutrina católica desde pequena. Em outras palavras:

A poesia é o instrumento que possibilita a compreensão da experiência religiosa do eu-poeta com Deus no espaço atemporal cognoscível e sensível, para além das amarras racionais do pensamento humano. A experiência com o catolicismo é antes de tudo o fio que conduz aos momentos inesperáveis em que o universo ficcional de Adélia Prado percebe a presença de Deus. (apud COSTA JR, 2012, p. 193)

Em segundo lugar, Adélia propõe, através da abordagem do divino em sua poesia, um contato real com o transcendente, não desprezando, contudo, a vida simbólica e cotidiana, a sua natureza feminina nem tampouco seus desejos sexuais. As discussões que se seguem, portanto, estabelecem relação dialógica com os nichos

anteriores, na intenção direta de argumentar as interfaces do sagrado, como bem indica o título deste artigo. Sobre isto, a própria autora destaca:

A religiosidade está presente desde meu primeiro livro. O sofrimento e a alegria continuam os mesmos, mas é uma poesia feita de uma experiência mais próxima da realidade. Apesar disso tudo, o livro está cheio de esperança. A poesia é serva da esperança, ela pousa na alegria e na dor, é um fenômeno divino e transcendental (PRADO, 2008. p. 20)

A discussão levantada aqui busca elencar os desdobramentos da experiência religiosa na poética adeliana, marcada pelos registros memorialísticos, pelo seu caráter devocional, litúrgico e escatológico. Cabe destacar que a religiosidade abordada em Adélia visa uma espécie de religamento do ser humano com a realidade transcendente. Em outros termos, a religiosidade torna-se parte integrante da natureza humana e carnal, indicando ao indivíduo um caminho capaz de leva-lo a conhecer sua própria origem e da origem do mundo no qual se insere:

No fundo de toda a situação verdadeiramente religiosa encontra-se a referência aos fundamentos últimos do homem: quanto à origem, quanto ao fim e quanto à profundidade. O problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo. Pode caracterizar-se o religioso como zona de sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião tem a ver com o sentido último da pessoa, da história e do mundo (ZILLES, 2010, p.6)

Nessa mesma analogia, enaltecendo a sede de certezas do homem, Adélia destaca:

Eu acho que Deus é também uma projeção humana. É um desejo infinito que nós temos de adoração, e de algo que nos suspende com o sentido absoluto. Nós somos finitos e relativos, e queremos sempre uma coisa absoluta: que esse café maravilhoso não acabe, que a minha paixão não acabe, que essa casa bonita permaneça. A gente tem sede de infinito e de permanência. Então, esse ser que assegura a permanência das coisas, é que eu chamo de Deus. É o absoluto (apud CUNHA, 2014, s/p)

Adélia, através da sua poesia de caráter religioso, incute sentido aos vazios próprios da existência, resgatando ao homem o zelo pelo espiritual, para satisfazer as necessidades ocultas do seu interior: “Neste nosso mundo progressista, luminoso e esvaziado de sentido espiritual, Adélia redescobre a poesia como uma necessidade vital: a de saciar a fome universal que resulta das carências a que a vida moderna condenou os homens. (COELHO, 2002, p. 25). A sede excessiva na qual o ser humano está imerso, padecendo pelo líquido salutar que seja capaz de devolver o vigor, pode ser encontrado, portanto, na poesia.

Para contextualizar a temática a ser abordada neste nicho, tomemos como base os poemas “Guia” e “O dia da Ira” e “Instância”, além de fragmentos sintéticos do poema “Sítio”, para exemplificar aspectos da tradição religiosa e de sua paixão pelo rito litúrgico e pelos atos de piedade popular, reveladores de beleza e originalidade. Cabe destacar que as experiências religiosas contidas na poética adeliana são, em sua grande maioria, frutos do seu registro memorialístico ou espasmos retirados do seu acervo de sentimentos, uma vez que, para Adélia, a poesia é o caminho para revelar a verdade da realidade cotidiana expressa no divino: “A experiência poética é uma experiência de conhecimento, reveladora do real, o que significa, para Adélia, reveladora de Deus, que é a realidade por excelência”

(OLIVIERI, 1994, p. 89). Passemos, portanto, à análise dos poemas mencionados anteriormente:

GUIA

A poesia me salvará.
 Falo constrangida, porque só Jesus
 Cristo é o Salvador, conforme escreveu
 um homem — sem coação alguma —
 atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança
 de Congonhas do Campo.
 No entanto, repito, a poesia me salvará.
 Por ela entendo a paixão
 que Ele teve por nós, morrendo na cruz.
 Ela me salvará, porque o roxo
 das flores debruçado na cerca
 perdoa a moça do seu feio corpo.
 Nela, a Virgem Maria e os santos consentem
 no meu caminho apócrifo de entender a palavra
 pelo seu reverso, captar a mensagem
 pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.
 Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,
 porque temo os doutores, a excomunhão
 e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.
 Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida
 da brutalidade das coisas?
 (PRADO, In: Poesia Reunida, 2015)

A beleza da escrita adeliãna reside na multiplicidade de significados contidos nos versos de seus poemas. Neste, por exemplo, observamos uma atribuição de força salvadora à poesia, que para Adélia, conforme mencionado acima, é reveladora do divino. Esta salvação, portanto, manifesta-se através do toque sobrenatural no natural humano.

A poesia de Adélia estabelece vínculos com a teologia, ao atribuir ao texto poético o caráter de salvífico. A autora, em seguida, constrange-se ao reconhecer que só o Cristo salva. Revela uma espécie de medo da grandeza divina, ao mesmo tempo em que se reconhece como criatura pequena diante Dele. Todavia, Adélia, ao trazer para os seus versos a sensibilidade contida em seu interior, faz com que o divino caiba no mistério poético, através da palavra, como fora mencionado no início deste artigo. Travestindo a palavra de sacralidade para que o absoluto se revele, a autora nos mostra as infinitas possibilidades de alcance do transcendente.

Qualquer língua ao final é Deus falando, por isso nos escapa tanto, só se mostra ao desfocado olhar da poesia, à sua densa névoa, quando tudo suspende-se ao juízo e apenas cintila, em vapores d'água, orvalho, vultos movendo-se na neblina. Você presente e teme porque a beleza é viva e te olha. Chama pelo nome ao que a procura. Eu quero falar, falar até entender, até ser perdoada, até ser transformada. (PRADO, 2008, p. 38)

Concebendo a poesia como força motriz reveladora do divino, a autora vai tecendo seus versos por meio de vocábulos cuja carga semântica é eminentemente religiosa e que externam o mistério sacramental de Cristo, entendido por meio da mística poética, como nos sugerem os versos 8 e 9. Seguindo os versos 14 a 16, Adélia reitera a poesia como ferramenta singular para entender a palavra de Deus, apesar de sua natureza ousada que não se prende a paradigmas estabelecidos pelo

catolicismo, embora professe sua fé. E é justamente devido a esta sua fé corpórea e desprendida de normas que a autora revela nos versos 17 a 19 a necessidade de ocultar-se diante de sua escolha, temendo o julgamento dos absolutistas. No entanto, reforça que, sendo Deus o revelador de sua trama literária, não o teme. Antes, conclui seus versos atribuindo à poesia o veículo pelo qual Deus revela sua face, servindo de conforto em meio aos alçozes da vida comum.

A poesia internalizada em Adélia nos mostra uma realidade próxima do cotidiano, acessível aos seres de natureza simples, descomplicando as compreensões do mistério sobrenatural de Deus que se revela a todos. Em outros termos, o que a autora busca destacar é que a linguagem poética, por sua natureza simples e repleta de significância, nos revela mais abertamente e sem véus a bondade que emana do Cristo.

Ademais, a autora propõe uma ruptura da segregação imposta pelas estruturas eclesiais, reconhecendo que a salvação é para todos, pois o Deus de sua poesia é tudo em todos. O caráter epifânico de sua poética também visa responder a questionamentos acerca da morte e da eternidade, fim último de todas as criaturas, segundo o Cristianismo, como podemos observar no poema a seguir:

O DIA DA IRA

As coisas tristíssimas,
o *rolomag*, o teste de Cooper
a mole carne tremente entre as coxas,
vão desaparecer quando soar a trombeta.
Levantaremos como deuses,
com a beleza das coisas que nunca pecaram,
como árvores, como pedras,
exatos e dignos de amor.
Quando o anjo passar,
o furacão ardente de seu vôo
vai secar as feridas,
as secreções desviadas de seus vasos
e as lágrimas.
As cidades restarão silenciosas, sem um veículo:
apenas os pés de seus habitantes
reunidos na praça, à espera de seus nomes.
(PRADO, In: Poesia Reunida, 2015)

O título do poema está imbuído de sentido apocalíptico, ao referir-se ao julgamento final como dia da ira. Adélia reveste seus versos de sentido escatológico para falar da finitude do ser, amparada pelas sagradas escrituras e pelos dogmas do catolicismo. A polissemia de significados contida neste poema serve para abarcar as várias nuances e peculiaridades da existência, sobretudo no que se refere ao corpo, como podemos observar nos versos 3 e 12. A beleza revela-se por meio da inserção das figuras apocalípticas nos versos 4 e 8.

A linguagem arrebatadora de Adélia nos reporta ao contexto da realidade finita do ser, indicando-o para o transcendente, para a eternidade. Para além do tempo cronológico, a autora destaca que a mística poética sustém a permanência das coisas. Em outros termos, a autora destaca que a finitude corpórea não se sobrepõe à grandeza avassaladora do divino. Antes, oferece à criatura a possibilidade de união com o criador por meio do mistério epifânico da eternidade.

OS versos reforçam que a poética adeliiana está sempre marcada pelas vertentes da tradição religiosa, incluindo a beleza e mística dos ritos celebrativos. A

autora utiliza o recurso da intertextualidade para trazer aos seus fragmentos a sacralização e a beleza, como podemos observar a seguir:

INSTÂNCIA

Eu cometi pecados,
por palavras, por atos, omissões.
Deles confesso a Deus,
à Virgem Maria, aos santos,
a São Miguel Arcanjo
e a vós irmãos.
A tão criticável tristeza
e seu divisível ser
pelejam por abotoar em mim
seu colar de desespero.
Mas eu peço perdão:
a Deus e a vós, irmãos.
O meu peito está nu como quando nasci;
em panos de alegria me enrolou minha mãe,
beijou minha carne estragável,
em minha boca mentirosa espremeu seu leite,
por isso sobrevivi.
Agora vós, irmãos, perdoai-me,
por minha mãe que se foi.
Por Deus que não vejo, perdoai-me.
(PRADO, In: Poesia Reunida, 2015)

O poema inicia-se com um tom confessional do eu lírico. Percebe-se a intertextualidade tecida através da oração do “Confesso a Deus”, o *Confiteor*, ou Ato de Contrição, rezada no ato penitencial da liturgia católica. Adélia, em seus poemas de natureza religiosa, sempre recorrerá a elementos oriundos do cânone romano, de trechos litúrgicos ou orações populares, enfatizando aspectos peculiares de sua vivência no interior mineiro e de sua tradição educacional e familiar.

O saudosismo e a nostalgia também são recorrentes através da menção da figura materna que partira. A mãe revela-se como a imagem do divino, que com atos de amor e cuidado, deu sobrevivência à sua natureza carnal fragilizada. A busca da misericórdia divina para a natureza humana assustada pela tristeza e desespero revelam a dependência do ser no que se refere ao auxílio sobrenatural. O fenômeno da intertextualidade aplicado a formulas oracionais e objetos reservados às ações litúrgicas na poesia de Adélia Prado, como já fora mencionado, se configura como um recurso para incutir nas realidades corriqueiras a beleza e a mística sacramental, visando uma comunicação mais real do divino.

Na poesia, o conceito de belo está intimamente relacionado à revelação do transcendente, da busca de significados. O belo põe em ordem as nossas emoções através da arte, da dança, da música e sobretudo, da religião. Os ritos se constituem como empregadores de sentido e mediadores para que o indivíduo acerca das realidades na qual está inserido. A natureza poética revela numa espécie de epifania, o transcendente. Arte e religião, portanto, são estradas que nos indicam o sentido mais pleno da beleza. Em síntese:

A beleza é uma experiência, ela não é um discurso. Se você, por exemplo, passa todo dia por um lugar e vê determinada obra, determinada casa ou determinada coisa, e um belo dia você se espanta com aquilo, pode dar graças, você está tendo uma experiência de natureza poética e ao mesmo tempo religiosa. (apud ALMEIDA, 2012, s/p)

A poesia alarga a projeção do olhar sobre o universo, num misto de espanto e encantamento. A beleza nos mostra aquilo que nossa insensibilidade não é capaz de enxergar, reiterando também que Deus se manifesta nas singularidades da vida cotidiana, por exemplo, nos elementos da natureza. Sobre isso, Adélia destaca: “A borboleta pousada, ou é Deus ou é nada” (PRADO, 2015, p.290). É a força sobrenatural que altera o sentido e significado das realidades aparentemente comuns, travestindo-as de mística e, portanto, de religiosidade.

A arte e a experiência religiosa se caracterizam como um pálido reflexo daquilo que a alma intui, através de palavras, sons, imagens ou ritos, reveladores do sagrado. Para Adélia, a própria natureza do texto poético constitui-se como linguagem sacramental, uma espécie de conversação do humano com o divino. A autora enfatiza que a poesia estabelece um ponto de convergência com a prática da espiritualidade, tornando possível, por exemplo, declamar um salmo e rezar um poema. Ambos são reveladores da imagem de Deus e capazes de nos transportar até Ele, numa espécie de resgate interior da natureza humana:

A experiência poética e a religiosa resgatam o homem de sua condição decaída, fazem-no ultrapassar suas limitações e perceber um mundo superior. Através delas, o homem busca a unidade harmônica com o cosmos, expressa o seu desejo de totalidade (OLIVIERI, 1994, p. 57).

Adélia destaca a necessidade do símbolo, da construção de espaços e da significação, para que o homem perceba esta unidade. Dentro das vertentes desta unidade simbólica se encontram os ritos, sobretudo litúrgicos. Nestes, a criatura humana busca expressar-se diante do seu criador, sem amarras, despido de lógicas e preconceitos, podendo ser descanso ou agulhão, dependendo da nossa oscilação entre entrega e resistência ao mistério revelado através da beleza ritualística. A menção de orações e objetos litúrgicos na poética de Adélia tentam cumprir um papel de revelação ao menos palpável, do universo divino. Isto se plenifica através da liturgia que, além do seu caráter sacramental, porta uma linguagem erótica, como foi mencionado nos nichos anteriores, uma vez que no ato litúrgico acontece a oferta do “corpo” de Cristo. O espaço estrutural do culto litúrgico também é citado na poética adeliã, como recursos de seu registro memorialístico e nostálgico da autora. Alguns versos do poema “Sítio” nos indicam as singularidades do espaço sacro abordadas por Adélia:

Igreja é o melhor lugar.
Lá o gado de Deus para pra beber água [...]
Está cheia de sinais, palavra,
cofre e chave, nave e teto aspergidos [...]
Lá sou corajoso,
e canto com meu lábio rachado:
glória no mais alto dos céus [...]
Lugar sagrado, eletricidade
que eu passeio sem medo.
Se eu pisar,
o amor de Deus me mata (PRADO,
In: *Poesia Reunida*, 2015)

O poema contextualiza a construção do ambiente litúrgico como revelador de significados sobrenaturais e invisíveis por meio daquilo que é palpável e visível aos olhos. O espaço sagrado se caracteriza como lugar do descanso para o corpo, metaforizado pelo ato de beber água, ou seja, saciar a sede de sentido para prosseguir a caminhada rotineira. A menção dos objetos nos sugerem a representação da imagem do divino, numa espécie de “eletricidade” que toca “o lábio rachado” com o amor. No ato litúrgico concentra-se toda a redenção do gênero humano. Adélia estabelece um vínculo entre cotidiano, lembrança e revelação do divino através de objetos.

Mediante a tantos problemas sociais e as justificativas que poderiam resultar no chamado trânsito religioso, a poética adeliana se apresenta como uma unidade da vasta produção a respeito do olhar que enxerga a presença do Sumo Bem, no simples cotidiano repleto de objetos que evocam lembranças e despertam o completar de uma consciência da presença de Deus. (COSTA JR, 2012, p. 196)

A liturgia é uma linguagem construída a partir de textos, gestos, procedimentos e sacramentais reservada ao mistério. Porta uma abordagem misteriosa para falar daquilo que é mistério. É justamente por ser mistério que não conseguimos explicá-la com palavras, mas sente-se sem o entendimento completo, pois o homem é incapaz de entender o divino em sua totalidade. A linguagem que alcança o voo mais alto para chegar perto da magnitude de Deus não é acessível à inteligência, uma vez que não é feita para o intelecto. Para compreender o mistério que se encerra através do divino e é disponibilizado aos homens é necessária uma atitude interior, de disponibilidade e abertura.

Ao referir-se a textos e orações da liturgia católica, Adélia destaca que estes se configuram como obra poética, ou seja, formas literárias repletas de sentido que não podem, ou pelo menos não devem ser alteradas. As expressões litúrgicas tocam o homem em seu sentido mais íntimo, obedecendo um raciocínio lógico e atemporal. A autora enfatiza que as alterações litúrgicas realizadas na tentativa de facilitar a compreensão do fiel no mistério da Missa tiram a beleza da sacralidade.

Além dos aspectos da vida cotidiana, reveladora do divino e da beleza do culto litúrgico, Adélia dedica em sua obra poética especial atenção à imagem da Mãe de Deus, como representação feminina do transcendente e espaço para descoberta da docilidade divina, bem como da sacralização da mulher. Os poemas estão contidos no volume “Oráculos de Maio”, publicado em 2007.

As abordagens realizadas neste último nicho temático buscaram evidenciar a religiosidade contida na poética adeliana, marcada pela cosmovisão bíblica e pela visão escatológica da existência humana. Discorrer sobre a singularidade da liturgia e dos ritos possibilitaram também discussões acerca da beleza e da arte como meios para a revelação do sobrenatural. Todas estas temáticas fazem parte do sujeito poético constituído em Adélia Prado, uma vez que fala de si mesma e de suas experiências pessoais e cotidianas para nos falar de Deus que oferece a poesia como ferramenta de verbalizar o que está oculto sob o véu.

Percebe-se que, em Adélia, o fazer poético e a religiosidade são experiências indissolúveis, não só pela menção de termos sacros ou inserção de passagens bíblicas ou figuras de santos e anjos, mas pela sua própria sensibilidade e natureza revelada nos seus versos. Adélia não restringe a graça divina a paredes, mas mostra-a em várias perspectivas e lugares, para enaltecer também a onipresença da divindade.

6 CONCLUSÃO

Adélia Prado destaca-se na Literatura Brasileira pelo seu estilo de escrita peculiar e repleto de significados que reforçam a beleza da existência. Instaurou-se neste ramo desde 1976, com o lançamento de *Bagagem*. Desde então, oferece grande contribuição para a literatura brasileira na contemporaneidade.

Tomando como base o que neste artigo foi analisado e discutido, cabe-nos ressaltar alguns pontos pertinentes que contextualizem de maneira geral tudo o que foi posto, ao mesmo tempo em que possibilite a abertura de novas veredas para o estudo e a apreciação da poética adeliana.

A poesia de Adélia configura-se como porta para o conhecimento de Deus e de si mesmo, na completa transformação da vida em poesia. O cotidiano, a vida prosaica simbólica nos permitem imbuir os dissabores de algum gozo, ainda que seja mínimo. Por meio da poesia, a autora nos insere na mística do sagrado que se torna realidade palpável através de fatos e objetos da vida corriqueira. É como se Deus se unisse ao banal para revelar o sobrenatural aos homens. Comer laranjas, pôr tacho de água no fogo, coçar o nariz, tudo é, como a autora mesmo diz, “casa da poesia”, onde o divino se revela numa singularidade revestida de sentido existencial.

Adélia rasga o seu coração nos versos que escreve, uma vez que fala da sua vida, travestida em metáforas e simbologia. A poesia é uma manifestação do espírito capaz de preencher os vazios existenciais e inculcar no trivial a beleza da sacralidade. Os registros memorialísticos, repletos de sentimento e nostalgias, aproximam o leitor do universo privado e interior da poeta. Em outras palavras, o cotidiano torna-se matéria-prima não só da poesia, mas da busca pelo toque do divino, que se verbaliza através da linguagem poética e dos elementos que a compõem: cores, cheiros, formas expressões.

Buscou-se destacar também a abordagem da figura feminina nos poemas adelianos, leva o leitor a perceber, dentro das tramas do texto, questionamentos direcionados ao papel social, cultural e histórico da mulher, bem como os anseios do seu interior e a valorização do seu corpo, rompendo com tradições machistas e excludentes, oferecendo-nos uma espécie de escape ou segunda via que caminha entre o sagrado, o profano, as nuances do cotidiano e sobretudo das singularidades próprias da natureza feminina.

O caráter de escrita feminina na literatura de Adélia se traveste da mulher que fala de si mesma, rompendo uma cultura machista que a menospreza dentro dos papéis sociais, resultantes de um contexto sócio-histórico oriundo de uma cultura patriarcal, com natureza ideológica que mantém a mulher subordinada a imposições de natureza sexista nas mais diversas esferas, levando-a a abrir mão de sua própria identidade. Adélia usa um misto de cotidiano, aspectos da natureza, termos sacros e linguagem erótica para revelar uma potencialidade feminina que transita em todos os espaços e permanece inalterável em seu modo de ser. Paralelamente, a autora revela o rosto feminino de Deus personificado na figura materna da Virgem Maria, como nos mostra a sua obra poética de “Oráculos de Maio”, com o fito de revelar o transcendente, o sobrenatural, por meio da sensibilidade feminina.

A luta travada pela valorização feminina em Adélia Prado não se reveste de revolta, portanto, não se enquadra como uma literatura de ideal feminista. O feminino ganha seu lugar por meio da simplicidade, do corriqueiro, do natural, da valorização das faculdades corporais, e não através dos gritos que na verdade não dizem nada.

Adélia busca, com isso, oferecer possibilidades que não se enquadrem nos padrões predeterminados, seja pela moral religiosa ou pelas diretrizes sociais.

Buscou-se também traçar paralelos que dialogam entre o sagrado e o profano, sobretudo na relação com o erotismo. O sentido erótico e sexual na literatura adeliana estão para além do sexo. Os textos discutidos nos levaram a perceber que Adélia prioriza sensações, o conhecimento do próprio corpo e suas capacidades. Em outros termos, o sexo é compreendido como algo maior que o ato de reproduzir. É uma necessidade vital do ser humano, que sempre busca algo maior e capaz de satisfazer infinitas ausências, caracterizando a sexualidade e o erotismo como uma experiência puramente interior que é materializada através do corpo, para revelar neste, o mistério inenarrável do toque divino na pobre natureza humana e carnal.

Tais discussões sobre temas como este buscaram romper com visões absolutas e inalteráveis, uma vez que sua temática central inaugura um roteiro capaz de auxiliar o percorrer de um caminho que religa o humano a um ser superior, restaurando a relação entre corpo e espírito, através das esferas do sagrado e do profano, transitando entre os espaços de relações esponsais e ritos litúrgicos, reveladores do belo no cotidiano, por meio da vida simbólica. Em palavras diretas, Deus torna-se encarnado através da poesia, trazendo a ruptura daquilo que era julgado como vulgar e impossível de ser fundido numa coisa só.

Enfatiza-se com clareza que a beleza da escrita adeliana reside na multiplicidade de significados contidos nos versos de seus poemas. A poesia de Adélia estabelece vínculos com a teologia e a cosmovisão bíblica, pautada nas suas vivências religiosas repletas de detalhes peculiares.

Por fim, este artigo buscou elucidar algumas das interfaces do sagrado na poética adeliana, como ferramenta para a desconstrução da imagem de um Deus inacessível aos homens. A poesia de Adélia, além de revelar o sobrenatural numa sociedade marcada pela ausência de significados, próprios do imediatismo contemporâneo, rompe paradigmas disseminadores de preconceito e discursos de ódio construídos através dos dogmas religiosos, enaltecendo que o Criador sempre se abaixa à criatura para nela revelar-se em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De animais, santos e gente**. Poesia sempre. Biblioteca Nacional. Ano 13, n: 20, p. 71, Mar. 2005.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2013.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e Literatura: afinidades e segredos compartilhados** – Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo, Instituto Moreira Sales, n: 9, Jun. 2000.

CARDEAL, Rafaela. **O olhar sacramental na poesia de Adélia Prado**. Versalete, Curitiba, Vol. 3, n 0 4, jan-jun, 2015, 378-390.

CIDADE NOVA. Ano XXXIX, número 9, Setembro de 1997.

COELHO, N. N. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2000)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COSTA JR, Josias da. **Religião e Literatura na poética mística de Adélia Prado**. Horizonte, Belo Horizonte, v.10, n. 25, jan/mar, 2012, p. 120-135.

CUNHA, Gustavo. PRADO, Adélia. In: Após três anos Adélia Prado volta às prateleiras com “Miserere” - Metro Belo Horizonte, 25 de março de 2014. Jornal 25 de março de 2014.

DOURADO, Débora Ribeiro Borges. **Transcendência e Espiritualidade na poesia de Adélia Prado**. Educação & Mudança, v. 15, 2004, p. 48-57.

FERRAZ, Salma e outros autores. Deuses em poéticas: **estudos de Literatura e Teologia** – Belém: UEPA; UEPN, 2008.

HUIZINGA, J. Homo ludens: **o jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MAGALHÃES, Antônio. Deus no espelho das palavras: **teologia e literatura em diálogo** – São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. Expressões do Sagrado: **reflexões sobre o fenômeno religioso**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

MOREIRA, Gustavo. **Adélia Prado: uma poética da casa**. In: Revista UniLetras. Vol. 22, no. 2. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2000. p.81-103.

MORICONI, Í. **Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira**. In: PEDROSA, C.;MATOS, C.; NASCIMENTO, E. (org.). Poesia hoje. Niterói: Ed.UFF, 1998.

OLIVIERI, R. C. S. **Mística e erotismo na poesia de Adélia Prado**. Tese de Doutorado. 334p. São Paulo: USP, 1994.

PAZ, O. **A revelação poética**. In: O Arco e a Lira. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 166-190.

PRADO, Adélia. **A linguagem mística do cotidiano**. Entrevista concedida a Jean Lauand, no programa Sempre um Papo da TV Câmara, agosto de 1993. Disponível em: www.jeanlauand.com/page58f.htm. Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PRADO, Adélia. **Manuscritos de Felipa**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PRADO, Adélia. **Oráculos de maio**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2015.

SECCHIN, A. C. **Caminhos recentes da poesia brasileira.** In:_____. Poesia e desordem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p.93-110.

SUTTANA, Renato. **Mundo e mistério na poesia de Adélia Prado.** In: SOUZA, O. A. (org.). Desafios e perspectivas. Guarapuava: UNICENTRO, 2002. p. 387-396.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião.** São Paulo: Paulus, 1991. Coleção Filosofia da Religião

AGRADECIMENTOS

Quis a divina providência escolher o tempo quaresmal – místico e poético por excelência – para que eu findasse este ciclo em minha vida. Agradeço a Deus, fonte de todo saber, que me deu forças para chegar até aqui. À Virgem, Maria, por me proteger e guardar de todos os perigos, desde o meu nascimento. a São José e a Santa Teresinha, por sempre intercederem por mim. Sem as crenças no sobrenatural, este trabalho não teria sentido.

Agradeço imensamente aos meus pais, por todo o esforço e por sempre me incentivar a correr atrás dos meus objetivos, aos meus irmãos, e, em especial, à minha tia, Miracleide, por sempre torcer por mim.

Agradeço, com todo amor e carinho, àquele que me ensina a ser melhor todos os dias, a superar os meus limites e medos, e divide a vida comigo nos mínimos detalhes. Eu amo você.

À minha orientadora, por tantas discussões proveitosas e ricas de sentido. Obrigado por dividir comigo as cruzes desta caminhada.

Agradeço à UEPB, que me propiciou ricas experiências na graduação, aos meus professores, sobretudo os que alargaram ainda mais o meu amor pela literatura.

À Letícia Oliveira, irmã que a universidade me deu. Muito obrigado por dividir a vida comigo nas densas madrugadas de estudo. Levarei nossa amizade pela vida afora.

Ao meu amigo e irmão de longas datas, Huerto Luna, por ter me apresentado Adélia em 2009, fazendo com que eu me apaixonasse ainda mais pelo universo literário. Você é parte de toda esta conquista. Obrigado por ser um Cireneu sempre que o fardo da vida pesa.

À minha querida professora e amiga, Josicléa Barbosa, por acompanhar minha caminhada acadêmica desde o começo. Você sempre será uma referência para mim.

Aos meus amigos de vida cotidiana, dos quais não citarei nomes para não pecar por esquecimento. Cada um sabe o lugar que ocupa em meu coração. Obrigado por serem e estarem em minha vida. Amo vocês.

Agradeço, do fundo do coração, à Comunidade Servos de Maria do Coração de Jesus, lugar onde morei antes de ingressar no mundo acadêmico. As experiências sobrenaturais vividas neste lugar me fizeram uma pessoa sensível ao toque divino e às realidades simbólicas da vida. Vocês moram no meu coração para sempre.

Agradeço, com muito carinho e respeito, ao Pe. Danilo César. O seu zelo litúrgico e a sua sensibilidade aguçada me fazem sentir de forma mais profunda o mistério divino. Obrigado pela amizade e por zelar pela casa de Deus nesta cidade, lugar que me é tão caro e precioso.

A tudo e a todos, por tudo. Que Deus os recompense e favoreça, hoje e sempre.

“Como não amar? Eu amo”.(Paulinha Abelha)